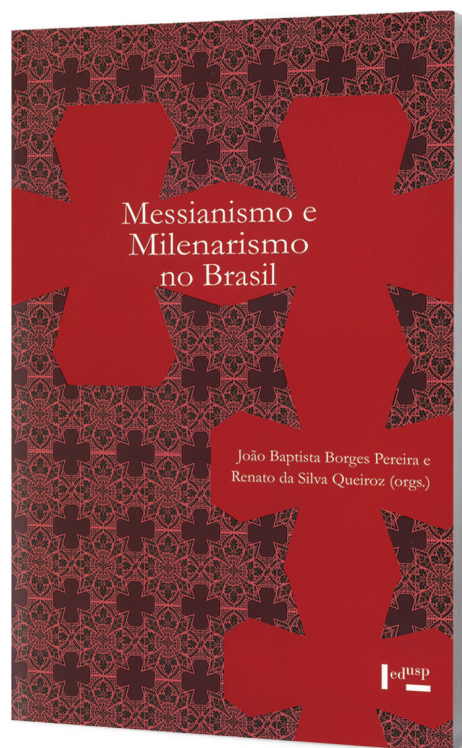


livros



Movimentos messiânico-milenaristas: modos de transformação do desespero em esperança

Leonildo Silveira Campos

Messianismo e Milenarismo no Brasil, de João Baptista Borges Pereira
e Renato da Silva Queiroz (orgs.), São Paulo, Edusp, 2015, 280 pp.

A redação deste texto foi iniciada na semana em que pesquisadores da área de ciências sociais e religião, não somente da Universidade de São Paulo, lamentavam o falecimento de Lísias Nogueira Negrão, professor aposentado daquela universidade, autor de um dos capítulos desta coletânea e de vários artigos acadêmicos sobre messianismos e milenarismos no Brasil, tema do livro aqui resenhado. No corpo da publicação aqui referida está o seu último artigo publicado em vida. Ao colega falecido, as nossas homenagens.

Já os últimos retoques deste escrito se deram quando atentados terroristas deixavam centenas de mortos no coração da França, justamente num país tão importante para a manutenção de valores ligados ao multiculturalismo, tolerância, liberdade, igualdade, direitos humanos, tradição liberal, modernidade, laicidade do Estado e racionalismo. Tais atentados, embora reflexos de uma guerra mais ampla que se trava tanto nas areias do Crescente Fértil como no *front* midiático, trazem à luz do dia uma ação no mínimo irracional, porém, com forte conotação de um pesadelo.

Esses atos terroristas recolocaram no centro da arena político-ideológica discussões sobre a revita-

lização da esperança em um contexto de esvaziamento de antigas, alicerçadas e institucionalizadas esperanças. Parece se fazer presente na história uma outra lógica operacionalizada por grupos aparentemente desencantados, que tentam instrumentalizar uma utopia religiosa com as cores do Islã em sua inspiração, ação e estratégias. Esses grupos assumem uma metáfora de um imaginado “Estado islâmico” ou “califado” como forma de negação dos modelos de estados propostos pelo Ocidente.

Porém, na procura de visibilidade social, esses movimentos extremados sequer poupam monumentos culturais milenares da humanidade. Para situações como essas, parece apropriado repetir uma afirmação de Remo Bodei (2004, pp. 17 e 28): “O presente parece reduzir-se a um ponto evanescente, a um espaço inóspito, já não mais sustentado nem pelos ensinamentos da tradição nem pela tensão em direção ao futuro”. Seriam momentos como esses muito mais uma demonstração da “bancarota das utopias e das esperanças sociais” do que renascimento de antigas utopias até então consideradas mortas?

Nos atentados promovidos por grupos radicais islâmicos, os jovens têm sido escolhidos como alvo

LEONILDO SILVEIRA CAMPOS é professor da Universidade Presbiteriana Mackenzie.

entre os suicidas e vítimas. Corpos envolvidos em cinturões com bombas se transformam em armas de guerra para matar cidadãos inocentes, levando para os ares a tranquilidade de uma juventude que se divertia em restaurantes e casas de *shows* em Paris naquela noite de novembro de 2015.

Mas há uma questão colocada por historiadores e sociólogos que analisam os vários movimentos e instituições sociais considerados “messiânicos” ou “milénaristas”: que nome deve ser dado a uma coisa? Ou, em outras palavras, os nomes dados a uma coisa correspondem à realidade que se pretende designar? Ao estudar os movimentos messiânico-milénaristas brasileiros, perguntamos: são messiânicos ou milénaristas os movimentos de descontentamento social ocorridos no interior da Bahia (Canudos), do Ceará (Juazeiro, Caldeirão) ou na divisa entre os estados do Paraná e de Santa Catarina?

No entanto, movimentos como o de Canudos, por exemplo, a despeito de terem se passado quase 120 anos de seu final, continuam atraindo estudos e interpretações. Pedro Lima Vasconcellos (2011) aponta para as dificuldades de se considerar, sem maiores discussões, a maioria desses movimentos como messiânico-milénarista. Para ele, trata-se de “movimentos religiosos de protesto social”, de difícil classificação, tal como tradicionalmente têm sido tratados. Uma pergunta continua em aberto e pouco discutida: que nome dar à coisa?

A coletânea aqui resenhada toma como fio condutor de seus artigos exatamente movimentos sociais, políticos e religiosos, designados por essas expressões. Não precede a esses artigos alguma discussão sobre o emprego de tais termos. O horizonte conceitual do qual eles são tomados prevê um consenso no seu uso, a despeito de haver alguma dissonância quanto ao significado de cada um deles e da aplicação a este ou àquele movimento por diferentes autores. Vejamos algumas rápidas conceituações em autores aceitos como autoridades na delimitação de suas fronteiras.

Para François Laplantine (1977, p. 13), tais movimentos nascem da reação dos aflitos e marginalizados, que percebem em primeiro lugar a fragilidade de uma determinada sociedade. Nesse caso, “a espera messiânica ou milénarista é uma resposta sociológica normal de uma sociedade ameaçada, a partir de dentro e de fora, em seus fundamentos”.

É nesse contexto que “multidões exploradas e sedentas de absoluto e de justiça social se congregam ao redor de grandes profetas ou dos pequenos iluminados” com o objetivo de “transformar seu desespero em esperança”.

Por sua vez, Bastide (2006, p. 181), em um texto incluído em *O Sagrado Selvagem*, afirma que o milénarismo é uma “estratégia de busca de uma nova identidade e dignidade”, que surge quando “ocorrem, na sociedade ou na cultura, mudanças que venham questionar os antigos valores e os equilíbrios reconhecidos de *status*, quer essas mudanças [...] se devam a causas externas [...] ou internas”.

Josildeth Gomes Consorte (1983, p. 43) contribui para o entendimento de tal situação ao mostrar que há uma ligação muito próxima entre “movimento messiânico” e “mentalidade messiânica”. Quando surge, um movimento messiânico-milénarista traz consigo uma axiologia própria, uma espécie de matriz, um conjunto de representações coletivas, um universo de discurso e de ideias destinado a sustentar simbolicamente uma esperança vivenciada dramaticamente na forma de um movimento sociorreligioso de descontentamento.

Mas o que aparece primeiro, a “mentalidade”, o “movimento” ou a “comunidade messiânica”? Consorte (1983, p. 43) afirma que está presente num movimento messiânico uma mentalidade que “faz parte de um universo simbólico”, servindo de suporte à ação coletiva. Essa mentalidade teria, entre outras, as seguintes características:

“Crença na interferência do sobrenatural nas transformações a serem efetuadas; essa interferência se manifestará por meio de um enviado especial; crença na origem comum de todos os homens, criados por uma divindade ou ser superior, o qual será encontrado depois da morte; há um destino à espera do ser humano e individualmente ele está impossibilitado de realizá-lo; o final dos tempos se aproxima e será precedido de sinais que somente o ser enviado especialmente para liderar poderá decifrar, interpretar e transformar em palavras de ordem; é o messias que dá sentido às coisas aparentemente confusas de uma realidade produtora de caos, sofrimento e desordem; somente ouvirão e entenderão as palavras do messias os escolhidos (eleitos) que poderão assim obter a salvação”.

É ao redor desse líder carismático, que enfatiza em sua pregação uma inversão com a chegada de tempos paradisíacos, que se instala uma *comunidade messiânica*, formada pelos que ouviram a sua pregação e o seguiram com ardente esperança. São esses que, ainda de acordo com Consorte (1983, p. 47), se transformam nos primeiros fiéis a tornar viável “um novo modo de vida, este sim, concreto e real, uma prefiguração da vida futura e, sem se dar conta do que faz, inaugura novas relações, que, de tão perigosas e ameaçadoras, não podem ser suportadas pela sociedade abrangente”.

Dessa maneira, a comunidade messiânico-milenarista passa a oferecer os referenciais para uma ação cotidiana que inclui rituais, orações, cânticos e gestos especiais, visando a apressar a chegada do reino messiânico-milenar e marcar as distinções entre os que fazem parte da comunidade e não do mundo ao redor.

Os artigos reunidos por Pereira e Queiroz tratam de movimentos e de mentalidades que, na sua maior parte, estão associados à violência em sua irrupção ou então quando são reprimidos pela sociedade mais ampla. Por isso mesmo é necessário lembrar que os principais movimentos considerados messiânico-militaristas ocorridos no Brasil terminaram em um cenário de fogo e sangue. Isso ocorreu, entre outros, com Canudos, Contestado, Mucker ou Caldeirão, apenas para citar alguns deles.

A causa de tanta violência na repressão a eles é que, por serem movimentos de contestação da ordem presente, por terem à frente lideranças carismáticas, eles apontam para novas formas de organizar o cosmo, a sociedade, a vida, propondo implícita ou explicitamente objetivos que afetam a ordem e os arranjos políticos da sociedade presente. Resultam da ação deles propostas de mudanças radicais que, muitas vezes, implicam a pregação do fim de privilégios atualmente garantidos aos que usufruem da ordem presente. Outras vezes, pregam o “fim do mundo” ou o “fim de um mundo”.

No entanto, a despeito das similaridades existentes entre messianismos e milenarismos, há também uma discussão sobre as peculiaridades de cada um desses conceitos e até sobre os limites empregados para caracterizá-los como tais. Dentro dessa perspectiva, são movimentos complexos, em

que o plural, como no título original dado pela revista, lhes caberia melhor do que o singular usado no título da coletânea.

Na sociedade contemporânea, seja ela rotulada de “moderna”, “pós-moderna” ou de “alta modernidade”, diminui-se o número de ações sociais voltadas para pressionar, reivindicar ou propor ações revolucionárias? Estaria havendo uma espécie de “rebaixamento do horizonte de expectativa”, conforme Bodei (2004, p. 11), pois milhões de pessoas passam a olhar apenas para o presente, perdendo de vista o futuro e o passado, em seu desafio de seguir a imaginação ou de construir “sociedades utópicas”? O resultado é que aumenta o número das ações sociais e de esforços voltados para a obtenção de resultados práticos no aqui e no agora. Estaríamos vivendo uma época de “morte das utopias”?

Realmente, nas sociedades tradicionais, ou nas franjas da sociedade atual, marcada pelo individualismo, há como observar, a despeito do desinteresse por um “novo céu” e uma “nova Terra”, alguns sinais de efervescência e de descontentamento. Esses são momentos vazios de esperança e utopia, quando os atores sociais perdem o interesse em mudar, transformar ou revolucionar uma determinada sociedade. Seria porque elas ainda não esgotaram o seu potencial de sedução e de manipulação dos anseios e expectativas? Henri Desroche (1985, p. 33) afirma serem tais tempos “vazios de esperança”, quando a efervescência cessa e os tempos de esperanças criativas se tornam muito mais épocas de esperanças “frustradas”, “esvaziadas” ou “burladas”.

Para momentos excepcionais como esses, há necessidade de que um agente social se sinta chamado para mobilizar e aglutinar o descontentamento. Esse “vacionado” se apresenta na forma de uma liderança carismática. No sentido weberiano (Weber, 2001) o carisma é uma qualidade que torna um líder profético, um messias ou, na expressão de Pierre Bourdieu (2013, p. 75), um homem talhado para “situações extraordinárias”. O messias-profeta é para ele o agente social que atua nas “situações de crise”, com mais força “quando a ordem estabelecida ameaça romper-se ou quando o futuro inteiro parece incerto” (Bourdieu, 2013, p. 73). Nesses momentos há uma “dissolução, enfraquecimento ou a obsolescência das

tradições ou dos sistemas de símbolos” que até então garantiam a plausibilidade, a lógica e um referencial significativo para a vida. Um profeta que tem êxito, acrescenta Bourdieu (2013, p. 76), “é aquele que consegue dizer o que é para dizer”. Seu discurso ganha força, em especial, quando a linguagem tradicional não mais confere sentido, não mais mobiliza nem seduz as massas.

Quando uma situação chega a esse ponto, segundo Bourdieu (2013, p. 76), ganha atratividade a pregação de um profeta ou de um messias, particularmente aqueles portadores de ideias de que há uma solução no horizonte para os sofrimentos e agruras. O final dos tempos se aproxima, quando então haverá a eliminação dos malvados, uma crise afetará os fundamentos da sociedade, e após esse período final de transformações, os eleitos sobreviverão, a Terra será renovada, uma nova ordem social será instituída, reconstruindo-se *hic et nunc* o paraíso perdido ou o paraíso escatológico, enraizado nos sonhos e na imaginação dos inconformados com o tempo presente.

Quem mais se assusta com esse tipo de mensagem são os que se identificam com a ordem simbólica e burocrática, seus respectivos projetos de vida, e fazem isso de uma maneira tal que a situação é vista como parte da ordem natural das coisas. É também por esses motivos que a pregação, novamente segundo Bourdieu (2013, p. 93), seja profética ou messiânica, coloca tais lideranças numa rota de colisão com os agentes oficiais de um determinado campo. Isto é, eles se opõem ao “corpo sacerdotal”, aos especialistas, aos que fazem do horizonte da instituição os limites de seus respectivos projetos de vida. Por sua vez, os profissionais da religião os consideram lideranças carentes de legitimidade. É então que o profeta, o messias ou o líder carismático, uma vez afastado do capital acumulado pela instituição, agora precisa produzir, acumular e fazer circular um capital religioso com a marca de seu próprio carisma. Porém, no exercício de sua atividade, conclui Bourdieu (2013, p. 96), um líder carismático, em nosso caso o messias, começa sozinho, “isolado, sem passado, destituído de qualquer caução a não ser ele mesmo”, dependendo somente dos resultados de sua própria pregação. Daí porque a Igreja, como uma “empresa burocrática de salvação [...] [se torna] incondicionalmente hostil ao carisma

‘pessoal’, isto é, profético, místico, ou extático, que pretende indicar um caminho original em direção a Deus”. A Igreja se considera a única instituição com direito ao monopólio da produção e distribuição de bens simbólicos no interior de um determinado campo religioso. Logo, ela tende, argumenta Bourdieu (2013, p. 58), a “impedir de maneira mais ou menos rigorosa a entrada no mercado de novas empresas de salvação”.

O aparecimento de um messias se dá quando uma religião instituída ou as formas de ordenação de uma sociedade não mais atendem às demandas de seus membros, especialmente dos que se sentem excluídos, rejeitados ou que vivem à margem dos bons resultados do funcionamento dessa sociedade. Mesmo assim, como afirma Mannheim (1954, p. 197), “a simples ideia do advento de um reino milenar na Terra sempre teve uma tendência revolucionária e a Igreja procurou paralisar essa ideia transcendente à situação por todos os meios que possuía”.

Entretanto, essa oposição da instituição eclesíastica é mais fraca quando as utopias fazem referência a um paraíso fora dos limites sociais e históricos. Por outro lado, a sua percepção de perigo aumenta na medida em que a ideia de paraíso é trazida para a Terra. Assim, quando as aspirações assumem uma feição terrena, tal como ocorreu com os camponeses alemães durante a guerra de 1525 ou com os de Canudos, o fogo do céu e o trovoar dos canhões caem sobre a comunidade messiânico-milenarista aniquilando-a se possível por completo.

O aparecimento e a multiplicação de pesquisas sobre movimentos político-religiosos de inspiração messiânico-milenarista têm muito a ver com a presença no Brasil, na Universidade de São Paulo, de Roger Bastide (1898-1974) e outros pesquisadores franceses, que trouxeram com eles uma notável atração por fenômenos sociais que se aproximavam do exótico, segundo Rubem Alves (1978, pp. 119 e 120).

Bastide valorizou em suas investigações, além das religiões africanas no Brasil, os sonhos de gente dormindo e acordada, os transe e outras manifestações consideradas “patológicas” por pesquisadores de outras inclinações epistemológicas. Ele se afastou da preocupação comum da sociologia e

da antropologia francesa herdada de Comte que enfatizava a ordem, o racional e o progresso. Ainda em sua última coletânea, *O Sagrado Selvagem*, publicada em francês em 1975, um ano após a sua morte, há um capítulo dedicado aos movimentos messiânicos e milenaristas (Bastide, 2006).

Essa preocupação de Bastide com tais movimentos fica claramente delimitada na apresentação do principal livro de Maria Isaura Pereira de Queiroz (1976, p. XVI). Para ele, o messianismo seria “uma resposta bem-sucedida” de uma “classe rural abandonada, que se mostra capaz, utilizando modelos tradicionais de passar da servidão à cooperação, de chegar sozinha à economia comercial, a partir de uma economia de subsistência [...]”. Trata-se, portanto, de fenômenos situados na complexidade de processos de interpenetração de civilizações.

Mas, ao dar início na USP a essa linha de investigação, Bastide fazia coro com o que ocorria na França nas ciências sociais com relação aos estudos da religião. Lá, por exemplo, Henri Desroche, desde a metade dos anos 1950, levantava dados em dezenas de países para uma obra de fôlego que seria publicada apenas em 1969 sob o título *Dieux d'Hommes – Dictionnaire des Messianismes et Millenarismes de l'Ere Chrétienne*, que teve uma versão publicada em português 31 anos mais tarde (Desroche, 2000)¹. Desroche (1985) produziu ainda reflexões significativas para uma sociologia da esperança. Para ele, uma “messialogia” deveria tomar como ponto de partida a experiência dos “homens da espera”. Dentro de sua compreensão, “a espera é um dos fenômenos da sociologia que mais se aproximam simultaneamente do psíquico e do fisiológico sem deixar de ser, ao mesmo tempo, um dos mais frequentes” (Desroche, 1985, p. 15).

Bastide criou, portanto, uma geração de pesquisadores que tomariam as suas propostas como ponto de partida em suas respectivas investigações. Entre eles, podemos citar Florestan Fernandes, José de Souza Martins (1996), Maria Isaura Pereira de Queiroz (1976), Duglas Teixeira Monteiro, Lísias Nogueira Negrão, Walnice Nogueira Galvão, Renato Queiroz e outros. Os cinco últimos

aqui citados iriam pesquisar e escrever textos sobre movimentos sociais e religiosos de inspiração messiânico-milenarista de várias partes do Brasil.

Da produção acadêmica de alunos de Bastide surgiram artigos sobre os sonhos escritos por Florestan Fernandes, por José de Souza Martins. Maria Isaura Pereira de Queiroz publicou, em 1966, a primeira edição de seu clássico *O Messianismo no Brasil e no Mundo*. Esse texto teve uma apresentação de Bastide, seu orientador em Paris, na École Pratique des Hautes Études, VI Section. Queiroz, contudo, pesquisava o tema desde 1948 e publicou muitos artigos no exterior, abordando em especial a guerra sertaneja ocorrida no Contestado no início do século XX. Suas investigações serviram de base para pesquisadores que vieram depois, como Maurício Vinhas de Queiroz e Duglas Teixeira Monteiro.

Monteiro, a despeito de sua morte prematura, deixou um livro clássico sobre a Guerra do Contestado, *Errantes do Novo Século* (Monteiro, 2012), em que aplicou os conceitos de “desencantamento” e de “reencantamento” elaborados por Bourdieu. Monteiro deixou também importantes escritos comparativos entre os movimentos de Canudos, Contestado e Juazeiro (Monteiro, 1977, t. III, v. 2). Seu trabalho teve continuidade em escritos de seu aluno e colega de departamento Lísias Nogueira Negrão, que, por sua vez, foi orientando de Pereira de Queiroz, defendendo uma tese sobre um movimento messiânico-milenarista urbano e escrevendo também vários artigos sobre esse tema, inclusive para esta coletânea (pp. 49-67).

Ainda dentro dessa tradição podemos citar os estudos elaborados por Renato da Silva Queiroz sobre um surto sociorreligioso ocorrido no Catulé, próximo à cidade de Malacacheta, em 1955. Os primeiros escritos e análises desse caso se deram três meses após os acontecimentos, quando Paulo Duarte, da revista *Anhembi*, enviou os estudiosos da USP Carlos Castaldi, Eunice T. Ribeiro e Carolina Martuscelli, cujos relatos do trabalho de campo foram também comentados por Maria Isaura Pereira de Queiroz, publicados em 1957 (Castaldi, 1957, pp. 17-65). Renato da Silva Queiroz (1995) voltou ao estudo do Catulé em sua tese de livre-docência (1993), escrevendo artigos descritivos e interpretativos sobre o fenômeno, inclusive para esta coletânea (pp. 153-88).

1 O lançamento desse livro foi assinalado por Lísias Nogueira Negrão (2001).

De igual modo se coloca nesta lista Walnice Nogueira Galvão, que tem dedicado as suas pesquisas ao longo dos anos sobre o legado de Canudos e de seu Conselheiro. Esta coletânea, portanto, não somente se inscreve dentro dessa tradição uspiana, como também teve o privilégio de contar com alguns de seus autores e organizadores que trazem com eles a tradição iniciada por Bastide e Maria Isaura Pereira de Queiroz: João Baptista Borges Pereira, Lísias Nogueira Negrão, Renato da Silva Queiroz, Walnice Nogueira Galvão e Cristina Pompa. Porém, foi aberto nesse texto espaço para vários novos pesquisadores, que, ao lado dos mais experimentados, apresentam seus trabalhos sobre o tema que une a todos.

Messianismo e Milenarismo no Brasil, cuidadosamente editado pela Editora da Universidade de São Paulo (Edusp), contém 11 artigos, distribuídos em 280 páginas, sendo que somente o último não fez parte do número 82 da *Revista USP* (2009).

O primeiro texto, escrito por Rodrigo Franklin de Sousa, faz referência à influência da escatologia judaica, de seu messianismo e apocalipsismo na constituição de movimentos messiânico-milenaristas no Brasil. O autor retoma, baseando-se numa sólida bibliografia inglesa e norte-americana, um tema que também tem merecido a atenção de outros autores, como Jean Delumeau (1997), em sua trilogia sobre o paraíso, ou Norman Cohn (2001), sobre as origens judaicas da escatologia dos movimentos messiânico-milenaristas do Ocidente. Essa ênfase faz sentido, pois a ideia de messias ou de um homem ungido/consagrado para a missão especial de levar o seu povo em direção ao paraíso foi herdada pelos cristãos do judaísmo posterior ao exílio na Babilônia (587 a.C.). O cristianismo é uma religião messiânica com forte presença da ideia persa de paraíso, que, presente no catolicismo popular brasileiro, inspirou os fatos ocorridos entre nós. Porém, o que dizer de movimentos de igual teor que surgiram à margem ou em espaços culturais distantes das religiões abraâmicas?

O artigo seguinte, de Marcio Honório de Godoy, toma como objeto de consideração o mito do desejado, do encoberto, do encantado, presente na figura do desaparecido e jovem rei de Portugal, no final do século XVI, D. Sebastião. Maria Isaura Pereira de Queiroz e Jacqueline Hermann (1998)

produziram notáveis páginas sobre os reflexos do sebastianismo português no Brasil. Godoy ressalta o caráter andarilho desse mito, que se insere exatamente entre o desejo e a busca de sua realização, o que lhe concede o papel de fazer brotar outros movimentos messiânico-milenaristas.

O terceiro artigo foi escrito pelo saudoso Lísias Nogueira Negrão, que deveria receber na semana seguinte de sua morte os exemplares a ele devidos pela Edusp. Em seu artigo, leva adiante uma discussão que sempre o motivou e que exige dos pesquisadores uma maior atenção. Assim, “messianismo”, “movimento messiânico” e “milenarismo” são encarados por ele “como conceitos abrangentes e genéricos [...] necessariamente típico-ideais”, afinal de contas eles se referem “à realidade observável e não por reproduzirem-na ou esgotarem-na”.

A seguir, Negrão faz um passeio pelos principais movimentos e estudos publicados, discutindo as teorias e paradigmas empregados em sua interpretação. Uma importante contribuição à discussão por ele proposta (p. 63) se refere à presença ou não desses movimentos em sociedades modernas, ou “em segmentos modernos de sociedades tradicionais”, em que tais movimentos tendem a “escassear, mas não a desaparecer”. Segundo Negrão (p. 64), nessas sociedades “há outros canais de expressão das insatisfações maiores [...], que tendem a assumir um caráter político e massivo”. Poderíamos falar aqui, inspirados em Weber, de sucedâneos seculares de movimentos com inspirações religiosas, tais como têm ocorrido em movimentos políticos, ideológicos, autoritários, fascistas ou comunistas?

Para Negrão, “o pluralismo religioso e a difusão pela mídia das mais variadas práticas religiosas e sistemas alternativos de conhecimento criam um caldo de cultura místico capaz de produzir os mais surpreendentes resultados”. Em outro texto, escrito em parceria com Josildeth Consorte, Negrão encontra fenômenos urbanos tão interessantes como os Borboletas Azuis, de Campina Grande, na Paraíba (Consorte & Negrão, 1984).

O artigo da coletânea termina complementando-se o diálogo com a antiga orientadora de Negrão, Maria Isaura Pereira de Queiroz, e mostrando que a “fragmentação e o autocentrismo imperantes nesses tempos pós-modernos inibem os apelos coletivistas proféticos e messiânicos”, o que repõe a viabilidade da hipótese de Queiroz so-

bre a irrupção de movimentos desse tipo. A nosso ver, dada a força da discussão teórica desse texto, poderíamos até recomendar ao leitor que inicie a leitura do livro por ele.

O texto seguinte é o de Walnice Nogueira Galvão, que tem pesquisado, ao longo de toda a sua carreira acadêmica, Canudos, Antônio Conselheiro e o seu primeiro analista, Euclides da Cunha. Para ela, Cunha é o precursor dos estudos sobre as ligações entre messias e construção de novas cidades santas.

Na sequência, Antonio Máspoli de Araújo Gomes aborda um tema pouco explorado nos estudos de tais movimentos. O seu objeto é o Caldeirão de Santa Cruz do Deserto, um surto messiânico-milenarista ocorrido na região do Crato, paralelo ao Juazeiro de Padre Cícero, liderado pelo beato José Lourenço. Gomes é filho da região, o que lhe deu condições de fazer várias visitas ao cenário geográfico dos acontecimentos. Por outro lado, seu amplo conhecimento da literatura sobre o assunto e das reconstruções artísticas dos acontecimentos, por meio de filmes e folhetos de poetas repentistas, lhe deu uma visão muito lúcida, embora indignada, da repressão sangrenta feita pelas Forças Armadas em 1937 sobre os pobres camponeses. Em seu comentário, “governo, Igreja e sociedade deram as mãos para destruir o Caldeirão”, enquanto a sociedade silenciou e a imprensa tratava os seguidores do beato como “bandidos, fanáticos e animais, a escória da sociedade” (p. 94).

No sexto artigo, Cristina Pompa apresenta os resultados de seu trabalho de campo sobre os eventos ocorridos em um pequeno povoado situado na divisa de Piauí e Bahia, entre 1937 e 1938. Nele, a autora valoriza um tema que despertou a sua atenção, as memórias do fim do mundo e a resignificação dos ritos e crenças católicos pelos líderes e participantes do movimento Pau de Colher (Pompa, 1998, pp. 177-211). A movimentação se iniciou estabelecendo uma relação entre um novo conselheiro, Severino, e a religiosidade popular católica inspirada em Juazeiro e no beato José Lourenço. Em maio de 1937, Severino foi morto, assumindo a liderança José Senhorinho e, logo em seguida, Quinzeiro, quando então o confronto com tropas militares levou ao esmagamento do grupo.

Em seguida, Celso Vianna Bezerra de Menezes trabalha os rituais de devoção observados

nos herdeiros do milenarismo do Contestado, descrevendo, comentando e recuperando a memória do passado nas festividades realizadas pela Comissão Pastoral da Terra da Igreja Católica. É muito interessante essa retomada da “Igreja da libertação” na celebração de um caso em que a Igreja – particularmente os franciscanos – teve um papel preponderante na repressão aos revoltados do Contestado. Seus colégios, conventos e outras propriedades se tornaram locais de aquartelamento de tropas a serviço da repressão. Uma romaria realizada em 1986 é o ponto inicial das reflexões em que o autor faz dialogar o teatro dos dias de hoje com a memória dos eventos da metade da segunda década do século XX.

No texto seguinte, o oitavo, Renato da Silva Queiroz retoma um tema que lhe é caro, já longamente discutido em sua tese de livre-docência, *A Caminho do Paraíso* (Queiroz, 1995). Eu tive o privilégio de estudar com profundidade esse caso em aulas no Programa de Pós-Graduação em Antropologia da USP, em 1993. Na época, Queiroz tinha acabado de fazer viagens ao local, no município de Malacacheta, realizando um exame das releituras feitas pela polícia, Judiciário, Igreja Católica e a recriação artística registrada pelo teatro e cinema de Jorge Andrade. O tema, a nosso ver, ainda não está esgotado, pois falta uma releitura a partir da Igreja Adventista da Promessa, da qual faziam parte como prosélitos as pessoas envolvidas numa tragédia que provocou a morte de dois adultos e várias crianças².

Heloisa Mara Luchesi Módolo propõe, no texto seguinte, uma releitura psicológica dos Muckers. A abordagem foi feita acompanhando os cânones da psicologia analítica junguiana. Daí se fazerem presentes nesse texto afirmações como “delírio religioso”, “doenças mentais” ou de manifestações psíquicas que indicam “estados alterados de consciência”³. Uma discussão interessante é feita a partir dos conceitos de “fragilidade de identidades”, “identidades ameaçadas”,

2 Tentamos analisar esses acontecimentos a partir da ótica dos evangélicos brasileiros, pois o Catulé, ao lado dos Muckers, são os dois únicos eventos em que os evangélicos brasileiros estiveram envolvidos. Ver Campos, 1995.

3 Ver, especialmente, as notas de rodapé 28 e 29, nas páginas 196 e 197.

“Jacobina e sua nova identidade” e “curadora”. Para a autora, “os delírios religiosos” são “possibilidades de estruturação psíquica”, a qual atuaria de forma positiva em situações de crise. É claro que sociólogos e antropólogos da religião, devido às suas próprias metodologias, nem sempre acompanham com interesse as explicações dadas pelos psicólogos da religião.

Em outro texto, o antropólogo Julio Cezar Melatti faz uma recuperação de pesquisas que foram realizadas por ele há vários anos sobre a ocorrência de messianismo entre várias culturas indígenas. Melatti navega bem pelos interstícios das violentas relações entre as culturas indígena e branca, mostrando como as contínuas recriação e ressimbolização conseguem apontar caminhos para a sobrevivência de culturas ameaçadas pelas formas como os brancos organizam a vida e a economia. O tema da interpenetração das civilizações, que vem desde Bastide, recebeu contribuições de Maria Isaura Pereira de Queiroz e também de Ronaldo Vainfaz (1995). Porém, a análise de Melatti estimula quem deseja caminhar em direção aos conflitos simbólicos provocados pelas missões católicas e protestantes, especialmente, a reação das culturas indígenas diante da penetração em suas aldeias de igrejas evangélicas, pentecostais e neopentecostais. Contudo, esse não é um tema proposto por Melatti nesse texto, e sim por investigações de Robin Wright, da Unicamp⁴.

O último artigo da coletânea é de Gladson Pereira da Cunha. Nele o autor escolhe como seu objeto de pesquisa um tema original, que foi a tentativa de um estado messiânico no Espírito Santo. Cunha se baseou em material de caráter jornalístico e na versão da Polícia Militar encarregada de reprimir o movimento. A descrição do cenário dos acontecimentos, os embates entre latifundiários, posseiros e o papel do simbólico no imaginário dos que aderiram à proposta de um “Estado de Jeová”, do pregador Udelino Alves de Matos, tudo isso nos parece remeter para a explosão ocorrida meio

século antes, no Contestado. A região imaginada para o “Estado de Jeová” se situa no norte-noroeste do Espírito Santo. Exatamente numa região geográfica e cultural fronteira entre Minas Gerais e Bahia. Podem ter influenciado na explosão do movimento questões ligadas não somente à posse da terra, mas também relacionadas a identidades culturais. São questões que parecem estar ligadas a regiões geográficas com problemas de fracas identidades, como ocorreram entre Paraná e Santa Catarina, Minas e Bahia, Espírito Santo, Bahia e Rio de Janeiro e assim por diante.

Concluimos nossas considerações concordando com José de Souza Martins, que nos lembra, na orelha do livro, da importância de se retornar ao tema dessa coletânea em outras perspectivas, especialmente para os casos que ocorreram após os anos 1950, quando os censos indicam que a virada de um Brasil rural para um país urbano já estava a caminho da consolidação. Mesmo assim, a frente de expansão da Amazônia foi e vai com o seu dinamismo provocando alterações, colocando em confronto atores e culturas diversas. É o caso do surgimento de um messias para indígenas e brancos na divisa do Brasil com o Peru. Trata-se de José da Cruz, mineiro de origem, que arrebanhou uma multidão de pessoas, sobretudo entre os ticunas, fazendo-as concentrar-se numa região na Amazônia onde começaram a construir uma cidade santa, a Vila Espiritual da Irmandade da Santa Cruz⁵.

Por outro lado, esse novo despertar para o tema estimula pesquisas sobre o vínculo entre certas formas de pentecostalismo, seus profetas-apóstolos-bispos, líderes carismáticos que, a partir de uma filosofia da prosperidade, prometem a realização de desejos e sonhos a uma crescente clientela, que os procuram como se faz com xamãs e mágicos. Já podemos falar numa mentalidade milenarista que subjaz a certas porções dos chamados movimentos neopentecostais, em que o pentecostalismo se acomodou no interior de uma sociedade de consumo, onde pessoas se preocupam com o momento presen-

4 Um passeio pelos artigos reunidos por Robin M. Wright nos traz possibilidades de compreensão de como a ação de cristãos entre indígenas brasileiros está provocando um processo que Wright chamou de “transformando os deuses”. É possível que, após essa invasão, novas reações centradas em ressignificações surjam. Ver Wright, 1999; 2004.

5 Um belo texto de Ari Pedro Oro (1989) foi dedicado a esse movimento messiânico-milenarista.

te e o consumo irresistível de bens tangíveis e intangíveis? Que ligações podemos fazer entre os cultos-cargos da Melanésia, estudados por Peters Worsley (1980), e o encontro entre espiritualidade neopentecostal e inserção na sociedade de consumo?

Enfim, esta coletânea é extremamente útil para quem está se interessando, a partir de agora, pelos movimentos políticos, sociais e religiosos de protesto, que recebem o nome de movimentos “messiânico-milenaristas” ocorridos no Brasil.

Mas serve também de estímulo para quem passou rapidamente pelo tema em seus estudos de sociologia, história ou antropologia da religião e quer retomar as suas leituras.

Valem as palavras registradas por José de Souza Martins, no final da orelha do livro: “É este livro um bem estruturado ponto de partida para uma nova etapa dos estudos sobre messianismo e milenarismo no Brasil e para uma nova compreensão do misticismo subjacente à religiosidade do brasileiro”.

BIBLIOGRAFIA

- ALVES, Rubem. “A Volta do Sagrado: Os Caminhos da Sociologia da Religião no Brasil”, in *Religião e Sociedade*, n. 3, outubro de 1978.
- BASTIDE, Roger. *O Sagrado Selvagem*. São Paulo, Companhia das Letras, 2006.
- BODEI, Remo. *Livro da Memória e da Esperança*. Bauru, Edusc, 2004.
- BOURDIEU, Pierre. *A Economia das Trocas Simbólicas*. 7ª ed. São Paulo, Perspectiva, 2013.
- CAMPOS, Leonildo S. “O Messianismo – Análise Sociológica de um Caso: Uma Comunidade ‘Protestante’ no Catulé”, in *Estudos de Religião*, ano X, n. 11. São Bernardo do Campo, dezembro de 1995.
- CASTALDI, Carlo. “A Aparição do Demônio no Catulé”, in Maria Isaura P. de Queiroz et. al. *Estudos de Sociologia e História*. São Paulo, Inep/Anhembi, 1957, pp. 17-65.
- COHN, Norman. *Na Senda do Milênio – Milenaristas Revolucionários e Anarquistas Místicos da Idade Média*. Lisboa, Editorial Presença, 1981.
- _____. *Cosmos, Caos e o Mundo que Virá – As Origens das Crenças no Apocalipse*. São Paulo, Companhia das Letras, 2001.
- CONSORTE, Josildeth Gomes; NEGRÃO, Lísias N. *O Messianismo no Brasil Contemporâneo*. São Paulo, FFLCH-USP/CER, 1984.
- CONSORTE, Josildeth Gomes. “A Mentalidade Messiânica”, in *Ciências da Religião*, n. 1. São Bernardo do Campo, Umesp, 1983.
- DELUMEAU, Jean. *Mil Anos de Felicidade – Uma História do Paraíso*. São Paulo, Companhia das Letras, 1997.
- DESROCHE, Henri. *Dicionário de Messianismos e Milenarismos*. São Bernardo do Campo, Umesp, 2000.
- _____. *Sociologia da Esperança*. São Paulo, Paulinas, 1985.
- DOSSIÊ “Messianismos e Milenarismos no Brasil”, in *Revista USP*, n. 82. São Paulo, CCS-USP, junho-agosto de 2009.

- HERMANN, Jacqueline. *No Reino do Desejado: A Construção do Sebastianismo em Portugal. Séculos XVI e XVII*. São Paulo, Companhia das Letras, 1998.
- LAPLANTINE, François. *Mesianismo, Posesión y Utopia: Las Tres Voces de la Imaginación Colectiva*. Barcelona, Gedisa, 1977.
- MANNHEIM, Karl. *Ideologia e Utopia*. Porto Alegre, 1954.
- MARTINS, José de Souza (org.). *(Des)figurações: A Vida Cotidiana no Imaginário Onírico da Metrópole*. São Paulo, Hucitec, 1996.
- MONTEIRO, Duglas Teixeira. *Os Errantes do Novo Século: Um Estudo sobre o Surto Milenarista do Contestado*. 2ª ed. São Paulo, Edusp, 2012.
- _____. "Um Confronto entre Juazeiro, Canudos e Contestado", in Boris Fausto (org.). *História Geral da Civilização Brasileira*, t. III, v. 2. São Paulo, Difel, 1977.
- NEGRÃO, Lísias Nogueira. "Homens da Espera", in *Folha de S. Paulo*, 13/1/2001.
- ORO, Ari Pedro. *Na Amazônia um Messias de Índios e Brancos: Para uma Antropologia do Messianismo*. Petrópolis/Porto Alegre, Vozes/EdiPUCRS, 1989.
- POMPA, Cristina. "A Construção do Fim do Mundo: Para uma Releitura dos Movimentos Sociorreligiosos do Brasil Rústico", in *Revista de Antropologia*, v. 41, n. 1. São Paulo, 1998, pp. 177-211.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *Messianismo no Brasil e no Mundo*. 2ª ed. São Paulo, Alfa-Omega, 1976.
- QUEIROZ, Renato da Silva. *A Caminho do Paraíso: O Surto Messiânico-Milenarista do Catulé*. São Paulo, FFLCH-USP/CER, 1995.
- VAIFANS, Ronaldo. *A Heresia dos Índios: Catolicismo e Rebelião no Brasil Colonial*. São Paulo, Companhia das Letras, 1995.
- VASCONCELOS, Pedro Lima. "Messianismo: Problemas de um Conceito", in *III Congresso da Associação Nacional de Pós-Graduação em Teologia e Ciências da Religião (ANPTECRE)*, São Paulo, Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2011.
- WEBER, Max. *Economia e Sociedade*. Brasília, Editora UnB, 1991, v. 1.
- WORSLEY, Peter. *Al Son de la Trompeta Final: Un Estudio de los Cultos "Cargo" en Melanesia*. Madrid, Siglo Veintiuno, 1980.
- WRIGHT, Robin M. (org.). *Transformando os Deuses: Os Múltiplos Sentidos da Conversão entre os Povos Indígenas no Brasil*. Campinas, Ed. Unicamp, 1999.
- _____. *Transformando os Deuses: Igrejas Evangélicas, Pentecostais e Neopentecostais entre os Povos Indígenas no Brasil*. Campinas, Ed. Unicamp, 2004.